



“Estou sempre a auto-analisar-me”

Segredos profundos enchem os dias de Carlos Amaral Dias.

Afinal, o inconsciente é a sua matéria-prima. O psiquiatra e psicanalista fala da mente humana, do mundo, da política e de si. E partilha uma lição de vida: a felicidade é uma utopia

TEXTO DE ISABEL LOPES E MAFALDA ANJOS FOTOGRAFIAS DE JOSÉ VENTURA

ANALISTA E ANALISADO
CARLOS AMARAL DIAS NO
SEU CONSULTÓRIO. NA
CADEIRA QUE OCUPA COMO
TERAPEUTA E NO DIVÃ
ONDE SE DEITAM OS PA-
CIENTES (FOTOMONTAGEM)

Diz que ser psicanalista não é uma profissão, é uma identidade. Aos 62 anos, com quatro filhos e quatro netos, tem uma rotina muito preenchida, dá consultas das oito à meia-noite. Vale-lhe ter o consultório principal paredes-meias com a sua casa, até brinca que acaba as terapias e está a 30 segundos da cama. Saído da gravação do seu programa de rádio para a conversa de quase três horas com o Expresso, Carlos Amaral Dias confirmou porque vê o mundo com outros olhos.

Costuma falar da psicanálise como uma ciência de marginais para marginais. O que quer dizer com isto? Heraclito dizia que é nas margens que se percebe tudo, não é no epicentro dos acontecimentos que se entendem as coisas. O psicanalista é por natureza alguém que lida com o inactual, alguém que lida com o intemporal na espécie humana, e nesse sentido é alguém que está na margem muito mais do que no centro da actualidade. É uma ciência para marginais porque se destina àquelas pessoas que foram ou se sentem diferentes. Não são os normopatas, as pessoas normalizadas, que me procuram.

A psicanálise tem vindo a sofrer algumas vagas de críticas ao longo dos tempos. O que é que ainda tem de essencial para oferecer? Logo desde o princípio, quando Freud fundou a psicanálise há mais de uma centena de anos, que lhe foi diagnosticado o seu desaparecimento. A psicanálise deu à psiquiatria uma contribuição decisiva para a compreensão dos chamados doentes mentais e para a humanização dos hospitais psiquiátricos. E teve uma importância enorme na educação, contribuiu mais do que qualquer outra coisa para mudar, por exemplo, os hábitos violentos no tratamento das crianças. Actualmente, os trabalhos de António Damásio nas neurociências reconfirmam as teorias psicanalíticas de Freud. Também sou médico e psiquiatra além de psicanalista, e fico sempre surpreendido como é que alguns psiquiatras têm aquilo que eu chamo de divisão religiosa da ciência — os psicanalistas puristas dizem que não querem nada com os medicamentos, e os psiquiatras biológicos dizem que a psicoterapia não tem efeito. Eu não pinto em dúvida que estar aqui a falar con-

vosco é um mecanismo ao mesmo tempo simbólico e bioquímico. Acredito que tudo é psicológico e tudo é biológico.

O tratamento com psicanálise demora anos. Como é que se adequa a uma situação urgente? A mim, como psiquiatra, não me repugna absolutamente nada, se por exemplo me aparece uma pessoa com uma depressão, medicá-la com um

antidepressivo, porque sei que uma psicoterapia vai demorar tempo a fazer efeito. Faço um alívio temporário do sintoma e só depois faço o processo psicoterapêutico mais prolongado e mais profundo. Há, aliás, estudos que dizem que em 80% dos pacientes a efectividade terapêutica resulta da combinação da psicoterapia com medicamentos. A minha manei-

ra de ver o meu trabalho como psiquiatra, psicoterapeuta e psicanalista é como uma alfaiataria: tento cortar o fato à medida da pessoa que me procura. Penso que as pessoas têm o direito ao equívoco. **Como assim?** Quero dizer que as pessoas devem ir primeiro ao psiquiatra e perceber que apenas os medicamentos não lhe vão resolver o problema. É bom que as

“Eu próprio fiz psicanálise e psicodrama durante 17 anos. Foi dose!”

pessoas entendam que não há curas milagrosas e que, quando nos procuram, aceitem que vão fazer um trabalho mais profundo, reflexivo e longo.

A psicanálise continua então a ser a melhor — a única — forma de chegar ao inconsciente humano? A psicanálise é, por definição, a ciência do inconsciente, no sentido em que Freud o delimitou. Ou



A PAIXÃO DOS LIVROS
TEM CERCA DE 40 MIL OBRAS ESPALHADAS PELAS CASAS DE LISBOA, ALGARVE E PARIS, MAS TAMBÉM GOSTA DE CARROS E RELÓGIOS

seja, não é apenas inconsciente aquilo que não é consciente, mas é também aquilo que jamais foi consciente, por exemplo o que é inato, o que é repetitivo na espécie humana. Freud comparava o psiquismo humano com um icebergue — um quinto é o visível e quatro quintos é o invisível e constitui o inconsciente. Os psicanalistas intervêm no modo de modificação do funcionamento psicológico do sujeito, numa tentativa de encontrar raízes psicológicas para uma determinada forma de sofrer pessoal. O sentimento de culpa, por exemplo, pode ser consciente ou inconsciente. Tive um paciente que trabalhava numa lavanderia e tinha a fantasia que era tão sujo, feio, porco e mau que toda a roupa em que tocava ficava contaminada. Tinha que ver com um aspecto destrutivo da personalidade que se expressava pela forma de uma fantasia e que era extremamente angustiante para a pessoa, embora fosse uma culpa inconsciente.

Em que situações é que a psicanálise no divã está indicada? A psicanálise é uma disciplina científica que tem um modelo teórico que pode ser aplicado através de uma terapêutica clássica que é o divã, face a face ou num grupo terapêutico de no máximo 10 pessoas. O divã está indicado sobretudo nos pacientes tipicamente neuróticos — histéricos, fóbicos ou obsessivos —, em que a regressão psicológica ao passado ajuda. Mas é para personalidades mais organizadas, estruturadas, e que não correm o risco de descompensação. Uma terapêutica face a face é mais propícia para pessoas que podem não ter estrutura para aguentar este tipo de regressão. É verdade que muitas pessoas que têm uma indicação para uma análise não têm condições financeiras para o fazer — três vezes por semana é o indicado, mas eu modifiquei os processos e faço análises uma a duas vezes por semana. Penso que corresponde melhor à realidade contemporânea e que é igualmente eficaz. Mas tive alguns conflitos com colegas por causa disso.

As pessoas mais velhas e os adolescentes estão contra-indicados? Fui educado como psicanalista a pensar que após os 50 e tal anos não se devia fazer psicanálise a um paciente, porque não teria tempo suficiente para usufruir dos benefícios que traria. Hoje não é assim, o paciente mais velho que tenho tem 80

“Cavaco é obsessivo e autocontido. Sócrates emotivo e conflituoso. São personalidades muito diferentes”

anos. Quanto aos adolescentes, tudo depende da sua capacidade de expressão pela linguagem e da capacidade reflexiva. A maioria dos jovens não os ponho no divã. Mas tive um rapaz com 16 anos, com uma inteligência e capacidade reflexiva superior, que sofria de grande dificuldade de separação dos pais, que fez uma análise com enorme sucesso. Habitualmente as pessoas procuram-nos na casa dos 30.

Quantos anos dura em média um tratamento? Em média as minhas análises duram cerca de sete anos. Em boa parte dos casos os sintomas eliminam-se com facilidade ao fim de pouco tempo, mas depois muitas vezes são os pacientes que vão subindo o patamar de exigência do que querem para a sua própria vida. Mas tive um caso — foi o único — em que o paciente se recusava a terminar após 17 anos de terapia. Ele alegava que se uns gostavam de fazer ginástica física, ele gostava de fazer aquela ginástica mental. Tive de marcar uma data e anunciei que dentro de um ano tinha de terminar, porque não havia razão nenhuma para continuar, o seu processo terapêutico estava terminado.

E há muitas pessoas que desistem a meio porque não vêem melhoras ou não podem continuar a pagar o tratamento? Quando se é mais jovem perdem-se mui-

to mais pacientes, eu não perco pacientes há anos.

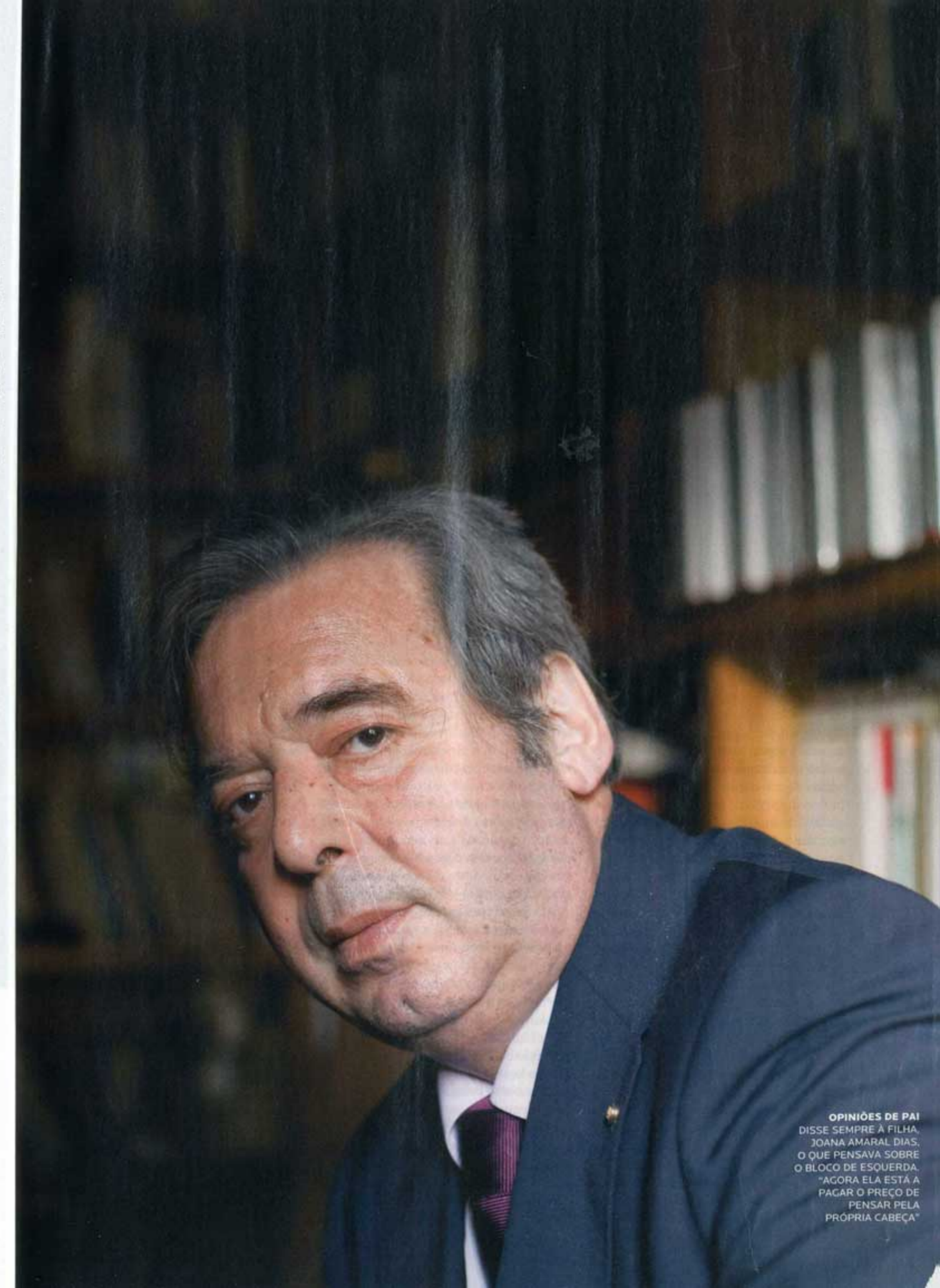
Como lida com a morte de um paciente? Tive vários casos de pessoas que estiveram à beira do suicídio, mas só tive um caso em que isso aconteceu. Tratava-se de uma paciente que acompanhava há pouco tempo, e numa terça-feira de Carnaval, em que não havia sessão por causa do feriado, tive uma intuição absoluta de que iria tentar o suicídio. Eu estava no Algarve, na altura não havia telemóveis... liguei desesperadamente para a polícia e para uma amiga íntima comum, mas não foi a tempo. Foi um sentimento de impotência enorme, o destino jogou contra nós.

Já fez psicanálise como paciente? Auto-analisa-se? Sim, claro, estou sempre a auto-analisar-me. Entre psicanálise e psicodrama psicanalítico, fiz 17 anos no total. Foi dose! Terminei há cerca de 10 anos. Esta experiência ajudou-me muitíssimo como profissional. Se estamos intoxicados de emoções negativas, se não nos compreendemos, não temos condições para ouvir o outro. E tenho o privilégio de me lembrar todos os dias dos meus sonhos. Às vezes acordo e já tenho a associação feita, sei o que quer dizer, outras vezes enquanto tomo banho ou faço a barba penso no que sonhei, e faço uma auto-análise.

E tem a tentação de estar sempre a analisar os outros? Tenho que evitar fazê-lo. Mas penso que ser psicanalista não é uma profissão, é uma identidade. Não deixo de ser porque estou com amigos, filhos, conhecidos, embora não exerça. A psicanálise aprende-se e depois entra-se nela, é como falar, dormir...

Os seus filhos não se queixavam de estar permanentemente a ser analisados e avaliados? Qualquer dos meus três filhos do meu primeiro casamento — a minha ex-mulher também é psiquiatra — fez um processo terapêutico pessoal. O bichinho de alguma forma ficou lá...

Quanto é que os sonhos revelam de nós? Há sonhos que significam sempre a mesma coisa? Os sonhos são uma grande parte do trabalho da psicanálise. Há símbolos que são universais: o sol é um símbolo da masculinidade, a lua do feminino. Mas cada sonho significa coisas distintas em cada pessoa. Freud dizia que há três sonhos universais na espécie humana,



OPINIÕES DE PAI
DISSE SEMPRE À FILHA,
JOANA AMARAL DIAS,
O QUE PENSAVA SOBRE
O BLOCO DE ESQUERDA.
“AGORA ELA ESTÁ A
PAGAR O PREÇO DE
PENSAR PELA
PRÓPRIA CABEÇA”



CONFIDENTE
LIDA COM TODO O TIPO DE
PERSONALIDADES, MESMO
AS MAIS PERVERSAS. UM
PACIENTE CONFES-
SOU-LHE UM HOMICÍDIO
NÃO DESCOBERTO

que toda a gente tem uma vez na vida: o sonho que estamos a ser examinados, o sonho do narcisismo de que algo muito íntimo da pessoa é exposto — tipo “o rei vai nu”, e o sonho do voo que significa liberdade. Mas mesmo neste tipo de sonho a sua interpretação varia de pessoa para pessoa...

Já teve de lidar com personalidades monstruosas? Agressores sexuais, homicidas? Sim, mas tolero perfeitamente qualquer tipo de comunicação, mesmo as mais perversas. Aceito as pessoas tal como elas são, isso tem de ser compreendido e trabalhado. Por acaso nunca tive um agressor sexual, mas já tive um homicida que nunca foi descoberto. Ele contou-me o crime, como o fez, mas nunca tive uma atitude rejeitante. Compreendi o que aquilo significava naquela personalidade.

Nunca se questionou se deveria quebrar o seu sigilo profissional e denunciá-lo? Não, de maneira nenhuma. Evidentemente que isso dependeria da circunstância. Aprendi com aquele paciente que todo o homicídio era também um suicídio,

no fundo o que ele odiava no outro era algo que também odiava profundamente nele próprio.

Por ser psicanalista vê o mundo de maneira diferente? Sim, sem dúvida. A análise que os psicanalistas conseguem fazer dos fenómenos sociais pode ser muito importante para a sua compreensão e para ajudar a modificá-los. O terrorismo é um caso típico, com razões profundas. Nos Estados Unidos, depois do 11 de Setembro, muitos foram os psicanalistas chamados à Casa Branca...

E os portugueses? Como somos como povo? Somos um bocadinho ciclotímicos, oscilantes em termos de humor. Somos tristonhos, melancólicos. Não me surpreendeu que Portugal tivesse ficado no último lugar num estudo sobre a felicidade. Por outro lado, somos um povo invejoso, provavelmente relacionado com a nossa situação periférica ao longo da História. E esta inveja destrutiva condicionou a nossa evolução histórica. Temos tendência para a esperança messiânica — é o velho mito do D. Sebastião.

Já disse que a psicanálise podia ajudar a

política a perceber-se melhor. Como vê os políticos portugueses? Esta resposta tem de ser um bocadinho prudente... O exercício do acto político devia ser o acto mais nobre em cidadania, que se faz durante um período de tempo e ao fim do qual se regressa ao trabalho normal. Não é isso que transparece para a maioria dos cidadãos portugueses, mas sim que a passagem pela política — e sem repetir o chavão do enriquecimento ilícito — é seguramente uma passagem para um lugar bem remunerado, etc. Criámos uma descrença profunda na classe política e o que fazemos é votar por hábito e não por convicção ou espírito de mudança. Os portugueses perderam a esperança na mudança.

Como vai o país ultrapassar este clima de suspeição que envolve o primeiro-ministro? É um problema. Qual é o lugar da complacência que criámos enquanto povo para com um regime em que aceitamos ou toleramos situações como a vitória de Fátima Felgueiras e de Isaltino de Moraes? Passámos a ter um sistema de aceitação deste tipo de processos. E ga-

ranto-vos que, provavelmente, Sócrates vai ganhar, embora não com maioria absoluta... A maior parte dos portugueses vão passar por cima disto. Não pelo mérito de não acreditar, mas pelo mérito depressivo de já não acreditar em nada. Que é a pior coisa que pode acontecer.

A estratégia de vitimização do primeiro-ministro funciona bem? O primeiro-ministro tem neste momento uma atitude de quem se sente claramente posto em causa — a irritação, a turbulência, a perda de um certo controlo emocional revela a sua preocupação. A estratégia tem duas faces, a vitimização e a justicialista.

E também uma estratégia do silêncio. Os portugueses habituaram-se a que os políticos não lhes prestem contas? Sim, e pelos vistos não é grave — o problema é esse.

É um homem desiludido com a classe política? Como sou realista nunca me iludi. Levo a proposta do Churchill ao ponto mais radical: a democracia é má, mas apesar de tudo é o melhor que existe. Eu acrescento: os políticos são maus, mas vou optar por aqueles que penso serem os melhores num determinado momento.

Não pertence a nenhum partido... Pertenci durante dois anos ao Partido Socialista, entre 1986 e 88, e a única vez que me chamaram foi para perguntar quem se devia apoiar para reitor da Universidade de Coimbra. Percebi que um intelectual ser militante de um partido era ter uma função deste tipo e saí.

Mas juntou-se, em 2007, ao Movimento Liberal Social, que parece ser... (risos) ...Sim, são um bando de miúdos! É um movimento de reflexão política. Acredito no liberalismo económico e social. E em Portugal não há um partido liberal, e faria todo o sentido. O Bloco de Esquerda aproveitou-se claramente da pavorice portuguesa, que vê na união entre homossexuais um drama, na liberalização das drogas leves outro drama... Esse conservadorismo balofo neo-salazarista que cheira a peúga opôs-se sempre à modernização do sistema social. E o Bloco cresceu a partir das chamadas causas fracturantes.

Que se estão a esgotar... Mas, agora, com a crise, o Bloco de Esquerda já pode permitir-se falar a sua verdade e mostrar o seu antiliberalismo de base. São, no fundo, uma união impossível entre trotskistas, estalinistas e maoístas. Como sa-

“Os portugueses vão passar por cima do caso Freeport. Mas pelo mérito depressivo de já não acreditar em nada”

bem, foi Estaline que mandou matar Trotsky...

É um casamento condenado ao divórcio? Não. Agora que o poder está no horizonte... os seres humanos são muito mais fortemente interessados no seu narcisismo do que se pensa.

Essas palavras duras têm também a ver com o facto de a sua filha, Joana Amaral Dias, ter sido afastada do Bloco? Não. Disse sempre à Joana o que pensava do Bloco.

E agora disse-lhe “eu bem te disse”? Não. Ela tem a vantagem de pensar pela própria cabeça. Aliás, é por causa disso que pagou este preço.

O Movimento Liberal Social também tem causas fracturantes, como a eutanásia. Concorda? Concordo. E defendo a eutanásia publicamente, tal como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização da prostituição. Nunca percebi porque não hei-de autorizar aquilo que não fere a minha liberdade individual.

Na eutanásia e no aborto está em causa a vida e não só a liberdade individual. Como assim? Recusar um tratamento e solicitar que ponham fim à sua vida porque esta deixou de ter a qualidade que a pessoa acha que deve ter é um direito individual. Aliás, a pessoa tem direito à eutanásia como tem direito à destanásia — ou seja, querer ter uma morte em sofrimen-

to horrórico. Se eu tivesse uma doença degenerativa do sistema nervoso central e percebesse que ia fazer um Alzheimer não gostaria de me ver a morrer com uma doença dessas.

Quer a eutanásia? Sem dúvida nenhuma. Um cancro é uma coisa que eu suportaria, um Alzheimer não.

Regressando aos políticos: temos um modelo constitucional semipresidencialista, de freios e contrapesos, com duas personalidades muito fortes nos dois pratos da balança — mas há quem veja em Cavaco Silva e José Sócrates duas personalidades muito parecidas. Não são nada parecidos. O Presidente da República é claramente uma personalidade obsessiva, marcada pelo isolamento das emoções e a distância. O contacto dele é de defesa emocional em que raramente deixa transparecer uma emoção. Sócrates não é assim, é uma personagem muito mais emocional. Experimentem tirar o som aos dois — eu já experimentei — e vejam a mímica e a expressão de cada um. Sócrates tem uma expressão corporal — o dedo está sempre apontado — que mostra como ele é um indivíduo fortemente emocional, com o claro predomínio de sentimentos de conflito e de agressividade. Cavaco praticamente não se mexe, não faz gestos, o riso é sempre difícil, há uma autocontenção muito forte. Tudo isto, num e no outro, é da ordem do sintoma.

Cavaco Silva nunca perde o controlo? Jamais. É uma personagem muito mais obsessiva. Eles não têm nada de semelhante, a não ser que ambos são profundamente ambiciosos. Cavaco chegou onde chegou com uma jogada meticulosa, falando sempre com peso e medida. E criou o mito do político antipolítico, ele próprio faz questão de afirmar aos portugueses que até ganhou as eleições no Congresso do PSD na Figueira da Foz porque foi estrear o carro... Isto marca o seu estilo, cuidadosa e milimetricamente calculado.

Entre Cavaco e Sócrates, qual dos dois gostaria de deitar num divã? Cavaco. Porque há um mistério na personagem que seria mais interessante de decifrar. Sócrates é mais fácil de perceber. Até a própria escolha do nome — Cavaco é o Sr. Silva; Sócrates excluiu o nome do pai e da mãe — só esse simples exercício é da ordem do sintoma: ele é ele, o nome do

pai e o nome da mãe não fazem parte do seu nome oficial.

É quase um exercício narcísico? Sim. E mostra a maneira como a pessoa lida com a própria identidade.

E Manuela Ferreira Leite é um caso clássico de falta de perfil para a política? É uma excelente economista, mas não tem um perfil de liderança. Para isso, é preciso ter algumas características de personalidade que em Portugal se subdividem em dois aspectos dominantes: políticos como Ramalho Eanes e Cavaco Silva, com um determinado estilo de hierarquia simbólica e que nos dão o sentimento raro de pessoas que são parcias na vida, não são gastadoras — são uma escolha bem portuguesa; e homens profundamente emocionais, como Sá Carneiro ou Sócrates...

Sócrates é mais parecido com Sá Carneiro do que com Cavaco Silva? Irremediavelmente mais. Manuela Ferreira Leite nunca descolou do mundo no qual ela própria foi criada, o que também se reflecte na maneira como olha para a área social — com algumas pequenas gafes, como o casamento ser para reprodução ou a ideia de um intervalo na democracia... Não é seguramente uma líder para o século XXI.

Falemos de si. Muita da sua formação tem a ver com o prazer — chama-lhe até “patológico” — da leitura, que começou era ainda menino. Aprendi a ler sozinho aos quatro anos. Lembro-me de ler o jornal “O Século”, que era maior do que eu... O meu pai tinha uma biblioteca relativamente grande, havia um tio com uma cultura muito vasta que pôs um bocadinho de ordem nas minhas leituras, porque eu lia tudo o que havia, como Dostoievsky aos 8 ou 9 anos.

Era uma criança solitária? Passava muito tempo sozinho, não tenho irmãos e os meus pais trabalhavam muito. A leitura era o meu prazer número um. Mas isso prolonga-se até hoje. Não há sítio onde eu não tenha um livro para ler, na casa de banho, na mesinha de cabeceira, no consultório, no automóvel... Leio uns sete livros ao mesmo tempo... Espalhados por várias casas tenho cerca de 40 mil livros.

Quando começou a pensar o que seria? Só por volta do 7º ano do liceu, hesitava em ser jornalista ou médico. Escolhi ser médico, mas quando o fiz já era para ser

“Não acredito na felicidade. Felizes podem ser, talvez, os besouros. O sofrimento faz parte da espécie humana”

psiquiatra. E não consigo imaginar-me a ser outra coisa. Faz-me impressão. É uma identidade e uma identidade não se despe, faz parte de nós.

A sua vida não eram só livros. Teve uma fase em que praticava rãguebi, ganhou alguns ralis. São desportos de famílias abastadas. Mas eu não disse que tinha nascido numa família não abastada! Os meus pais não eram ricos, no sentido de fabulosamente ricos, mas não vejo muita diferença entre o que pode fazer a mais uma pessoa fabulosamente rica e uma que seja abastada. O meu pai tinha aqueles carros ingleses com madeiras e sofás em cabedal... Fui educado a haver sempre uma boa garrafa de champanhe no frigorífico e desde pequenino que sei o que é um Don Perignon ou um Veuve Clicquot... Isso fez parte da minha vida. Vou negá-lo? Não vou. Aos cinco anos fui a Paris pela primeira vez e não me lembro de nenhum miúdo da minha turma o fazer.

Teve uma educação privilegiada? Sem dúvida alguma. Fui educado a interessar-me e a ter um forte sentido crítico em relação à realidade. É a educação que também dou aos meus filhos — ainda agora andei a mostrar o Louvre à Carlota, como fiz com os meus filhos do meu primeiro casamento, que aos seis anos iam comigo para o Gugge-

nheim, em Nova Iorque. Até me faz impressão pensar que um filho meu não teria este conhecimento... preferia que ele tivesse pouco dinheiro no banco mas uma cabeça a funcionar. O meu maior sonho era que se tivessem criado condições económicas na família para suportar alguém que não precisasse de ganhar a vida e fosse artista... A minha grande ambição era ter um neto que fosse só artista.

Como é a experiência de ser um pai tardio — tem uma filha de seis anos, com uma diferença de 31 anos do primeiro filho? É uma experiência de pai-avô, porque tenho netos mais velhos do que ela. A disponibilidade emocional e a qualidade do tempo que tenho para ela é completamente diferente do que com os primeiros filhos.

Costuma ser apontado como uma pessoa vaidosa. É? Se alguém diz uma coisa elogiosa a meu respeito fico embaraçadíssimo, tenho vergonha, não sei onde me hei-de meter... Mas, provavelmente, posso parecer vaidoso para algumas pessoas — o meu estilo de personalidade permite essa leitura, porque sou relativamente seguro de mim mesmo. Mas tenho uma consciência absoluta de que não contribuí em nada para a humanidade.

Isso poderá parecer falsa modéstia, porque ajudou muita gente a mudar a sua vida. Mas não chega. Quem contribuiu foi Einstein, Freud, Leonardo Da Vinci... meia dúzia. Os outros não têm importância nenhuma.

É um homem feliz? Não acredito no conceito de felicidade. É uma nivelação por baixo daquilo que se pode esperar da vida — e o que se pode esperar da vida é a capacidade de tirar prazer da existência humana, sabendo coabitar ao mesmo tempo com o sofrimento que é inerente à espécie. Felizes podem ser, talvez, os besouros...

A inteligência impede-nos de ser felizes? A complexidade da inteligência impede-nos. A felicidade é um conceito utópico e eu não gosto de utopias. A minha vida é transformar o sofrimento das pessoas que me procuram num sofrimento comum. O sofrimento faz parte da espécie humana.

A felicidade é um conceito que “nos trama” porque andamos todos à procura de uma coisa que não existe? Então não é?! É uma utopia que se vende ao desbarato. ■